

# REVISTA TRAVESSIAS

ISSN: 1982-5935

## FOLHETOS DE CORDEL PORTUGUESES, UMA EXPERIÊNCIA DE ACESSIBILIDADE POR MEIO DA AUDIODESCRIÇÃO

**Bianca Dantas Anacleto** – biancad.anacleto@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/Minas), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-0484-1777>

**Pedro Antônio Araújo Bastos** – pedroarabastos@gmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0002-7567-0944>

**Sabrina Ramos Gomes** – sabrinaramosgomes@gmail.com

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;  
<https://orcid.org/0000-0003-1365-7768>

**RESUMO:** O presente relato refere-se ao trabalho realizado pela equipe do educativo durante a exposição “Folhetos de Cordéis Portugueses – Coleção Arnaldo Saraiva”, realizada na Academia Mineira de Letras entre os dias 07 de novembro e 26 de novembro de 2017. Durante a exposição foram realizadas visitas guiadas e oficinas com alunos da rede pública e privada da grande Belo Horizonte e também visitas do público geral, e de acessibilidade, no entanto, nesse relato focaremos nas visitas relacionadas a acessibilidade. Refletiremos o como essas oficinas promovem o letramento literário e o empoderamento dos visitantes por meio da valorização da cultura popular presente nos cordéis. Será também levantada a questão da atuação dos profissionais de diversas áreas como mediadores de arte e promotores de acessibilidade, assim como a promoção de iniciativas de cunho educacional além do discurso escolar, papel exercido como mediador cultural neste relato. Para tanto, usaremos os conceitos de Michelle Pettit no que tange a mediação de leitura, de Rezende e Mayer no âmbito da áudio descrição e acerca do objeto da exposição, os cordéis, faremos uso dos textos do próprio Arnaldo Saraiva, que além de colecionador é um relevante estudioso do tema e, este, realizou parte do treinamento da equipe.

**PALAVRAS-CHAVE:** Exposição Folhetos de Cordéis Portugueses; educativo; mediação artística; cordel.

### INTRODUÇÃO

A literatura de cordel é parte do imaginário popular brasileiro e está intimamente ligada ao nordeste, no que tange a visão do senso comum dessa forma literária. No Brasil, os cordéis estão presentes tanto em manifestações populares de cultura como em eruditas, no entanto o que não é claro para a maioria é que o cordel tem origem europeia. A exposição “Folhetos de Cordéis Portugueses – Coleção Arnaldo Saraiva” realizada na Academia Mineira de Letras entre os dias 07 de novembro e 26 de novembro de 2017 traz pela primeira vez a Belo Horizonte, a mais vasta coleção particular que se conhece de folhetos de cordel portugueses, pertencente a Arnaldo Saraiva, que inclui exemplares impressos desde primórdios do século XVII até a extinção dessa forma de expressão em Portugal, na segunda metade do século XX. O professor Arnaldo Saraiva que é

Catedrático de Literatura da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, crítico, poeta, tradutor, sócio correspondente da Academia Mineira de Letras.

Segundo palavras do próprio professor Saraiva em textos cedidos para montagem da expografia os cordeis são de uma imensa riqueza cultural por dialogarem com os interesses cotidianos e regionais além da literatura oral:

[...] Gosto de folhetos como de almanaques desde que aprendi a ler; eles chegavam a minha casa ou à minha aldeia como não chegavam os livros, salvo os escolares ou os beatos; um deles, por exemplo, transportava o primeiro texto impresso (por sinal da tradição oral) que verdadeiramente me deslumbrou: a “Nau catrineta”. Não admira, pois, que ao longo de décadas fosse adquirindo alguns que para mim tinham qualidade literária, por vezes nada canônica, ou se me impunham como modelos eloquentes e variados da cultura e da comunicação que se diz popular.

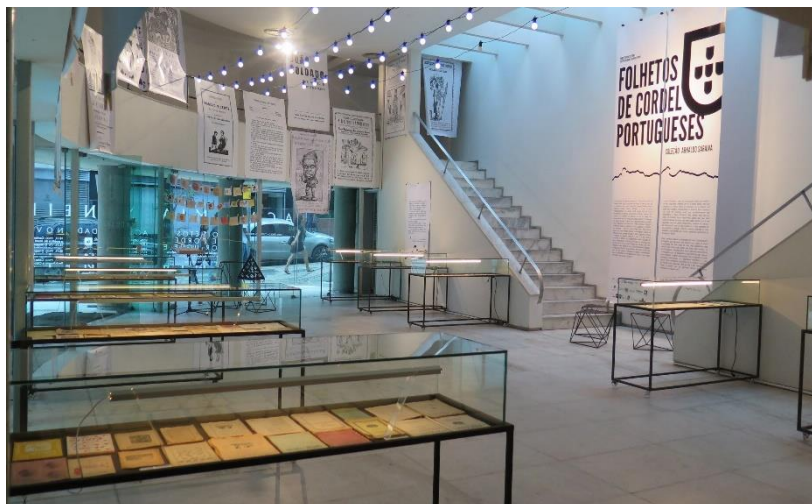
[...] O meu interesse pelos folhetos veio do gosto pela literatura, que ao contrário do gosto de acadêmicos ou letrados, nunca desvalorizei os modelos da chamada ‘literatura oral’... Os textos de muitos folhetos, a começar pelos teatrais, não só prezam os registos que lembram a oralidade, como foram, ou são ainda, lidos em voz alta, recitados e cantados. Até em folhetos bem pobres de literatura é possível encontrar matéria de interesse – histórico, social, etnográfico, religioso, linguístico, humorístico etc. (SARAIVA 2017).

A exposição tinha por objetivo apresentar o fio que conecta o folheto de cordel nordestino ao português, do qual se origina gráfica e ideologicamente, bem como o compartilhamento do aspecto plástico e material dos folhetos, da arte da xilogravura e das artes tipográficas entre Portugal e Brasil. Na parte expográfica foi trabalhado a litografia, a fotogravura, a idêntica reprodução de stills de filme norte-americanos, por meio da exibição de cerca de 150 folhetos, cobrindo mais de três séculos e meio da literatura de cordel em Portugal. Saraiva também ressalva que:

Os folhetos que em Portugal, na Espanha e na América latina são ditos de cordel, porque outrora eram suspensos - para exposição e venda - de cordéis, apareceram em Portugal, como noutros países da Europa, poucas décadas depois da descoberta da imprensa, e foram até meados do século XX um poderoso meio de comunicação popular. Levados por emigrantes para o Brasil, aqui começaram alguns a ser reeditados pouco depois de D. João VI ter criado a primeira tipografia, em 1808; imitados ou recriados, permitiram que antes do final do século Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá de Lima e outros poetas populares, sobretudo da Paraíba e de Pernambuco, fixassem os modelos do folheto de cordel brasileiro, que como regra ainda se mantêm, apesar das transformações sociais e tipográficas: papel mais ou menos ordinário, formato raramente afastado dos 15X12 ou 16X11 centímetros, simplicidade gráfica, capa ilustrada, com privilégio da xilogravura, impressão rudimentar, enunciação oralizante e narrativa, linguagem concreta, popular e coloquial, fixação quase exclusiva na expressão poética, com preferência pelo verso setissílabo e pela sextilha, gosto do cômico e da crítica social, abertura temática mas com atração por certos “ciclos” (SARAIVA, 2017).

Na exposição Folhetos de Cordéis Portugueses, um dos principais elementos a se destacar é a organização do ambiente. Este foi organizado de maneira a fazer com que o visitante se encontre em um lugar onde eram vendidos os cordéis, haviam varais similares aos de venda e, até mesmo, lâmpadas na parte superior, as quais exaltavam ainda mais esse ambiente cordelista, de praça pública iluminada para uma quermesse. (Figura 1 e 2).

**Figura 1** – Foto oficial da exposição 1



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

**Figura 2** – Foto oficial da exposição 2



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

A possível dissonância de conceitos entre o ambiente asséptico, canônico e clássico da Academia Mineira de Letras e a ideia da cultura popular tematizada nos cordéis da exposição, que apresentavam diferentes cores, formatos e temáticas sempre margem do tradicional literário, não se mostra contundente. As capas de cordéis impressas em preto e branco dispostas na sala branca

e límpida da AML, no entanto, traziam o visitante para um ambiente de estórias populares, que mesmo na falta de cor e tendo apenas o clássico p&b combinavam com o branco da sala dando um ar clássico a algo comumente associado ao popularesco ao colorido e ao brega. O branco dos cartazes com o branco da sala remetiam ao branco da folha de papel, da estória a ser contada, criando o efeito de imersão ainda maior a esse mundo imaterial da escrita. Na prática, então, a dissonância evidente do lugar e da temática não ocorreu efetivamente, pois, o visitante era convidado a adentrar no universo dos cordéis, era trazido diegeticamente para esse ambiente de estórias orais e feiras de cidade pequena por causa da disposição expográfica apresentada (Figura 3).

**Figura 3** – Foto oficial da exposição 3



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

Os aquários onde estavam dispostos os cordéis da coleção do prof. Arnaldo Saraiva eram dez, seis estavam paralelos entre si de um lado da sala, e os outros quatro, do outro lado, também paralelos entre si. Ressalta-se ainda que, entre essas duas fileiras, existia uma mesa onde estavam dispostos os cordéis em braile para os visitantes cegos, bem como para outros visitantes verem como é a exposição pela ótica da acessibilidade (Figura 4).

**Figura 4** – Foto oficial da exposição 4



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

O visitante faria uma volta pela sala, dessa maneira, ele passava pelo vislumbre de como eram feitas a venda dos cordéis, passando em seguida pelos cordéis mais antigos e prosseguindo de forma cronológica. Logo, após fazer uma pausa nos cordéis em braille e seguir até o fim da volta para os cordéis mais recentes, o visitante completava, levando em conta o seu espaço e tempo para esse mundo dos folhetos e estórias, o trajeto preparado pela curadoria da exposição.

Com frequência, ocorrem, por todo o país, uma gama de eventos culturais, que, infelizmente, não se preparam adequadamente para receber o público que possui alguma demanda especial. Entretanto, opondo-se a essa realidade, a equipe da Exposição de Cordéis Portugueses propôs-se a não só oferecer um tratamento adequado, mas também a treinar toda a equipe de monitores para poder lidar com esse público. Em primeiro lugar, é preciso destacar a estrutura do ambiente no que tange a adequação para o público que necessita de maiores recursos de acessibilidade. Todo o espaço era apropriado para a visita de pessoas portadoras de necessidades especiais, visto que contava com livros da exposição em braille, intérpretes em Libras e QR Codes que davam acesso aos áudios explicativos de cada sessão, logo, foi possível oferecer uma exposição inclusiva (Figura 5).

**Figura 5** – Foto oficial da exposição 5



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

A audiodescrição, doravante AD, é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento acerca da imagem por pessoas com dificuldade na codificação de informações visuais oculares, particularmente pessoas com deficiência visual. Ela consiste na “descrição de detalhes visuais importantes como cenários, figurinos, indicação de tempo e espaço, movimentos, características físicas de pessoas/personagens e expressões faciais” (MAYER, 2016). A audiodescrição é normalmente conhecida como modalidade de Tradução Intersemiótica que “consiste na interpretação dos signos verbais por meio de signos não verbais” (JAKOBSON, 2007, p. 64-65). Esse pensamento, segundo Rezende (2017) e Mayer (2016), possibilita que muitos pesquisadores adotem a concepção de audiodescrição como tradução de imagens em palavras, conforme apresentado por Franco e Silva (2010, p. 20), — [...] a audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão [...].

A linguagem é uma capacidade cognitiva complexa, que revela o potencial criativo humano, característica fundamental para a interação com o mundo. A linguagem também pode ser entendida como um “sistema semiótico ordenado de comunicação”, que dispõe de um sistema de signos que estabelecem uma relação constante com o objeto que o substitui, definindo assim o seu conteúdo (LOTMAN, 1978). No caso da AD, essa relação de substituição é mais complexa, porque o receptor com deficiência visual não pode ter uma referência visual direta do objeto. A audiodescrição mediaria o acesso a esse objeto, à informação visual.

A atividade de audiodescrição (AD) possibilita uma maior interação de pessoas com deficiência visual com a informação visual ocular, a partir da descrição de lugares, cenários, figurinos, indicação de tempo, movimentações e expressões corporais de pessoas e personagens,

entre outros. Essas informações podem ser disponibilizadas em braille (em caso de livros e revistas impressos, por exemplo), em formato textual (para arquivos eletrônicos, a serem lidos pelo dispositivo de leitor de tela de computadores) ou em áudio (a partir de uma narração extra, inserida nos intervalos entre os diálogos e ruídos importantes em uma determinada cena teatral ou fílmica, ou mesmo em um evento social). (MAYER, 2016)

Na imagem dinâmica, a tradução imagética é condicionada aos intervalos em silêncio presentes na película. Apesar dessa exigência não ser uma regra fixa, ainda assim o audiodescritor tem sua atuação mais regulada, não só pelas diretrizes que regem o processo de tradução, mas também pelo tempo. Por sua vez, a audiodescrição de imagem estática propicia ao audiodescritor maior “liberdade” para trabalhar o roteiro a seu favor, descrevendo com mais detalhes determinadas informações contidas na imagem e apresentando-as ao público em áudio ou em formato textual, a serem lidos em computadores por dispositivos de leitor de tela ou ainda em braille.

## **O EDUCATIVO- A VISITA MEDIADA**

O objetivo em se ter um educativo em uma exposição perpassa, além de questões burocráticas relacionadas ao incentivo à cultura, a necessidade de acessibilizar um conteúdo artístico ou cultural, que pode ter sido trabalhado ou não na escola, em sua materialidade como arte. No contexto escolar, a arte e em especial a literatura é muitas vezes trabalhada de forma engessada, focando em aspectos históricos, e linguísticos e não na experiência promovida pela arte em si. Como alerta Cosson “A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, [...], mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.” (COSSON, 2009, p. 23). Em Folhetos de cordel portugueses, buscamos ao montar o educativo pensar justamente em como mostrar os cordéis para os visitantes como uma experiência estética literária. Experiência esta que promovesse o letramento literário, por meio de oficinas e da visita em si focando em como poderíamos materializar um conteúdo imaterial preso em aquários devido ao seu valor histórico.

Sendo assim, ao montarmos o educativo não deixávamos de estar criando uma situação de experiência estética literária para um público padrão e um diferenciado na tentativa de levar aos visitantes a beleza da literatura popular por meio do cordel e de histórias que tradicionalmente não seriam as mais adequadas ou literárias, mas que nem por isso perdem seu brilho. E o ato de mediar a visita e guiar o olhar dos visitantes para pontos específicos da exposição permeia o ensinar,

principalmente ao ressaltar como as diferenças históricas mudaram a visão do que era certo e errado, ou bom e ruim, como foi feito ao mostrar certos cordéis polêmicos aos alunos.

O treinamento oferecido pela equipe do educativo permitiu que a equipe de monitores exercesse sua função de forma cortês e atenciosa. O aprendizado de estratégias de como conversar com o público, tratá-lo de forma adequada, em especial o público que carece de inclusão, foi uma preocupação da equipe organizadora com intuito de agregar valor à exposição. Afinal o papel do mediador é justamente ampliar a experiência estética promovida pela expografia em si. Os frutos do trabalho de treinamento para a equipe do educativo foram interessantes e podem ser vistos no resultado final do projeto, o qual atendeu de forma adequada tanto o público padrão quanto os portadores de necessidade especiais.

A fim de pensar as oficinas do presente relato, propomos a seguinte reflexão, que se encontra no 4º capítulo, também chamado de quarto encontro, “O papel do mediador”, do livro “Os jovens e a leitura – uma nova perspectiva” de Michèle Petit, a qual diz:

Vimos que a leitura é uma experiência singular. E que, como toda experiência, implica riscos, para o leitor e para aqueles que o rodeiam. O leitor vai ao deserto, fica diante de si mesmo; as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus "pertencimentos". Perde algumas plumas, mas eram plumas que alguém havia colado nele, que não tinham necessariamente relação com ele. E às vezes tem vontade de soltar as amarras, de mudar de lugar. (PETIT, 2008, p. 147-148)

À luz dessa citação, percebe-se que o convite à leitura é um convite à mudança de lugar, a deslocar-se, a ir a além do imaginário, a alcançar lugares jamais vistos ou imaginados, a viajar para um mundo desconhecido. A partir disso, refletindo sobre a exposição de folhetos de cordéis portugueses, veio a certeza de que esta seria uma exposição de leitura. Porém, pensando em uma leitura de análise, que visa à decodificação de um código linguístico, e focando na questão da narração, haja vista que, apesar de haver textos imagéticos que exigem leitura e interpretação, o exposto ali são textos verbais, surge o seguinte questionamento: já que a narração parte da leitura do texto, porque não partir de um fomento à leitura, de um convite à leitura?

Quando se trata de leitura, a imagem do livro físico é sempre recorrente na mente dos indivíduos. Desse modo, a figura do livro foi imprescindível para a escolha dessa mediação, visto que foi necessária a existência do livro físico, para que o convite à leitura, a partir desse objeto, fosse transmitido aos estudantes. Em relação à oficina, optamos nos debruçar com o livro “Cordel” do poeta Patativa do Assaré.

Outro ponto destacado por Michèle, no capítulo citado anteriormente:



Mas não é sem motivo que os poderes tenham temido tanto as leituras não controladas: a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento, como também a tomada de distância, a elaboração de um mundo próprio, de uma reflexão própria, propiciados pela leitura, podem ser o pré-requisito, a via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito de cidadania. Pois os livros roubam um tempo do mundo, mas eles podem devolvê-lo, transformado e engrandecido, ao leitor. E ainda sugerir que podemos tomar parte ativa no nosso destino (PEITT, 2008, p. 148).

Esse fato é de muita importância e foi o que aconteceu na exposição, isto é, um convite à leitura, apresentado através da oficina educativa, numa perspectiva de conceder o direito de cidadania. Para atingir tal objetivo, a oficina de leitura aconteceu em duas fases; a primeira consistiu em uma introdução ao local onde a visita é realizada, apresentando a Academia Mineira de Letras e brevemente falando sobre a história da casa, e depois em guiar os alunos em meio aos textos expostos. Ao explicar o que era a exposição, começamos com um breve questionamento a respeito dos conhecimentos dos alunos sobre o tema folhetos de cordéis portugueses. Alguns participantes conheciam o cordel produzido no nordeste brasileiro, mas não sabiam a história do seu surgimento.

### **A EXPOSIÇÃO MEDIADA – PÁTIO**

No educativo realizado, percebia-se que os visitantes se encantavam com o espaço e se interessavam ainda mais pelos assuntos diversos que os folhetos ofereciam. O Testamento do Boi, O testamento da velha e um antigo jornal em que havia a sina dos homens e das mulheres, como uma espécie de horóscopo daqueles tempos, foram alguns dos cordéis que mais chamaram atenção. Todavia, não foram apenas os assuntos apresentados que os encantavam, a maneira como a equipe educativa abordou esses temas também foi fundamental à experiência dos jovens, a título de exemplo, cita-se a explicação feita sobre a capa de um folheto que havia poesia visual. Em um primeiro momento, os alunos ficavam intrigados, pois não conseguiam entender o que estava escrito, contudo, após as explanações, vieram a compreender (Figura 6).

**Figura 6** – Foto oficial da exposição 6



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

A visita seguia a ordem de apresentação cronológica da exposição, começando pelo varal e prosseguindo ao primeiro aquário, onde estavam os folhetos mais antigos, por volta do séc. XVII, os quais ainda não possuíam nem capa, nem letra mais rebuscada, nem imagens feitas por xilogravura e eram escritos em um português diferente daquele ao qual eles estavam acostumados. No segundo aquário, estavam os folhetos do séc. XX, em que tinham técnicas de impressão mais sofisticadas, contendo cores, como no cordel O Cavalo Encantado, e também o início das capas (Figura 7).

**Figura 7** – Foto oficial da exposição 7



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

Os próximos dois aquários eram sobre os diferentes formatos dos folhetos de Portugal, no primeiro estavam dispostos os menores folhetos, e no segundo, os maiores e outros variados, como cartilhas ou folhas grandes de jornal. Em seguida, mostramos as diferentes capas dos folhetos, onde havia poesia visual, diferentes desenhos, entre outros. Depois apresentamos folhetos que tratavam do amor e do casamento, um tema bastante explorado pela literatura de cordel, havia dicas para relacionamentos, questionamentos como: Deve o homem casado bater em sua mulher?, comédias e outros.

No sétimo aquário, estavam dispostos os folhetos de assuntos brasileiros e de crenças populares, como a visita de D. João VI e a sorte das cartas. Em sequência, estavam os diversos tipos textuais que o cordel abrangia como peças de teatro, narrativas, testamentos, comédias, entre outros. Demos atenção também à forma de edição daqueles cordéis, elementos estéticos como a grafia diferente, o formato do texto, a disposição dos itens textuais etc. Prosseguindo aos cordéis mais raros, seja pela sua raridade material, seja por serem antigos, seja por sua inovação, como o Mama na burra, que foi o primeiro a ser impresso totalmente a cores (Figura 8).

**Figura 8** – Foto oficial da exposição 8



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

No último aquário, estavam os cordéis portugueses e brasileiros que tratavam do mesmo tema. Logo, por causa dessa semelhança, os títulos variaram muito pouco, porém os cordéis brasileiros tinham cores mais fortes, e seu formato era mais padronizado. Dessa forma, a visita terminava com o retorno do visitante ao seu espaço real, que é o Brasil. Em seguida, os alunos podiam ver os aquários livremente, fazer perguntas, tirar fotos e, após um breve tempo, prosseguir à próxima etapa do educativo.

## A EXPOSIÇÃO MEDIADA - ACESSIBILIDADE

Nos dias 21 e 25 de novembro de 2017, a exposição Folhetos de Cordel Portugueses contou com intervenções acessíveis para pessoa com deficiência visual. Para isso foi promovido uma parceria com o grupo SVOA, grupo que atua profissionalmente desde 2014 na adaptação de filmes, peças de teatro e museus para pessoas com deficiências visual a partir da audiodescrição. O grupo surgiu em 2011 através dos projetos de pesquisa e extensão chamado Cinema ao Pé do Ouvido, da pesquisadora Flávia Mayer, mestranda na PUC Minas na época, e o Professor Júlio Pinto, coordenador do projeto. Esse grupo tinha como objetivo estudar a audiodescrição e aplicar esse recurso de acessibilidade comunicação voltado para pessoas com deficiência visual congênita ou adquirida em curtas metragens, “ampliando as possibilidades de compreensão e interação com a obra” (SVOA, 2017) (Figura 9).

**Figura 9** – Foto oficial da exposição 9



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

A audiodescrição vem ganhando espaço nos universos do entretenimento, da cultura e da educação, sobretudo a partir do ano de 2004, quando a lei 10.098 – conhecida como Lei de Acessibilidade – foi regulamentada. Devido à institucionalização das demandas por esse recurso de acessibilidade, o interesse em se entender o processo de audiodescrição aumentou, sobretudo no que tange a investigação e aprimoramento da audiodescrição de imagens dinâmicas, como filmes, novelas, propagandas, e estáticas, como fotografias, esculturas e pinturas, aumentou. Grande parte das pessoas com deficiência visual não conhecem o recurso da audiodescrição, o que aumenta a relevância do trabalho desenvolvido. O processo de popularização da AD faz parte do processo mais amplo da inclusão e, mais especificamente, da inclusão cultural, que está sendo posto em

prática, aos poucos, no Brasil, com as leis que regulamentam sua implementação. Mais importante ainda é que a AD possa contribuir para o aumento da independência das pessoas com deficiência visual, tanto no sentido prático, quanto no sentido mais subjetivo da compreensão e construção de ideias.

O trabalho de acessibilidade da exposição dos Folhetos de Cordel Portugueses contou com várias etapas. Dentre elas: Etapa 1 - Roteirização, revisão, gravação e edição da audiodescrição; Etapa 2 - Divulgação da exposição para o público com deficiência visual; Etapa 3 - Visita guiada. Na primeira fase, um estudo prévio da exposição foi realizada: conversas com os coordenadores pedagógicos, monitores, funcionários da Academia Mineira de Letras, foi de extrema importância para que a roteirização das 10 estantes da exposição, contendo os cordéis portugueses, assim como a participação na palestra dada pelo Colecionador Arnaldo Saraiva, fosse realizada. Também foi realizada duas visitas a exposições, uma delas acompanhada por uma monitora do evento. (Figura 10).

**Figura 10** – Foto oficial da exposição 10



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

Através do contato prévio com os organizadores da exposição, foi possível selecionar alguns cordéis para serem disponibilizados em áudio e em braille. A disponibilização desses recursos acessíveis para a pessoa com deficiência visual se faz necessário, uma vez que nem todas as pessoas com deficiência visual são fluentes em braille. Isso foi possível observar através de um relato de uma pessoa do Lar das Cegas. De acordo com ela, o seu contato com o braille não é constante, o que torna a leitura cansativa e morosa, sendo o áudio muito mais interessante nesses casos. Percebemos também que o áudio de alguns cordéis chamou a atenção de algumas pessoas

que não necessariamente precisava do recurso, mostrando ser usado como um recurso sensorial alternativo.

As audiodescrições das 10 estantes contendo os cordéis, assim como a audiodescrição do espaço físico do local, contendo um breve relato sobre a história da Academia Mineira de Letras, foram gravadas e editadas após a revisão de um consultor com deficiência visual. Todos os áudios, inclusive as locuções dos cordéis foram disponibilizados em QRcode. O público pode acessar esse recurso através do aplicativo do próprio celular, ou dos aparelhos disponibilizados pela Audiodescritora responsável pelo evento. A disponibilização não só do recurso acessível, mas também dos aparelhos, como tablets, rádios, fones de ouvidos, garante um maior acesso a informação, caso o visitante não tenha esses recursos (Figuras 11 e 12).

**Figura 11** – Foto oficial da exposição 11



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

**Figura 11** – Foto oficial da exposição 11



Fonte: Foto tirada por Guto Cortês

A segunda etapa consistiu na divulgação do evento. De acordo com o SVOA, em torno de 30 pessoas foram contactadas através de mensagens contendo um informativo da exposição em áudio, e-mails foram encaminhado para instituições e associações que atendem pessoas com deficiência visual, além da divulgação nas redes sociais como facebook. A divulgação iniciou em torno de 10 dias antes do evento.

Devido a dificuldade de mobilidade de algumas pessoas com deficiência visual, um carro foi disponibilizado para facilitar a locomoção dos interessados. Quatro pessoas com deficiência visual compareceram ao evento. Três utilizaram, o transporte cedido pela Academia Mineira de Letras e uma utilizou um carro particular, como taxi/uber. O transporte foi disponibilizado ao perceber que algumas pessoas haviam se interessado, mas a insegurança de ir num lugar novo sem acompanhante e a distância do evento dificultava o acesso. Apesar da exposição contar com o recurso de acessibilidade em áudio durante a última semana, as pessoas com deficiência visual preferiram comparecer a visita guiada, concentrando o público no final de semana. Essa dinâmica é percebida com frequência pelo SVOA, principalmente se a pessoa com deficiência visual estão desacompanhados.

O gratificante da exposição foi a missão de entregar o convite para o mundo da leitura através da narração. Viu-se que, através desta, criou-se empatia pelas histórias vividas ali, os visitantes saíram com a visão de mundo mais aberta para as diferenças, para a multiplicidade, que é fortemente presente nos cordéis portugueses. Suas temáticas e abordagens, seus diversos gêneros textuais são formas de mostrar para o participante como a cultura de Portugal influenciou tanto o cordel produzido no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arnaldo Saraiva nos alerta em seu texto que foi disposto nas paredes da Academia Mineira de Letras durante a exposição, acerca da morte anunciada da literatura de cordel brasileira e nos pede a refletir como nossa vivência moderna muitas vezes nos afasta do viver a cultura popular e a literatura:

Como aconteceu com o europeu, ou com o português, que desapareceu nos meados do século XX, o típico folheto brasileiro parece condenado à morte, anunciada pela alfabetização geral, pelo jornal, pela rádio, pela televisão e pelo computador, mas também pelo epigonismo e pela gula comercial, que aliás o ajudou a sair do Nordeste para todo o Brasil e o promoveu junto das classes cultas. Entretanto o folheto foi e ainda é veículo de uma literatura fabulosa e única no mundo: uma literatura escrita mas sempre próxima da oralidade (e da realidade); uma literatura produzida e consumida sobretudo por quem não tem outra cultura para lá da oral e popular; uma literatura que

tem da vida cotidiana e do mundo antigo ou recente uma visão às vezes crua, às vezes ingênua, às vezes fantástica, às vezes heterodoxa, mas quase sempre expressiva e jocosa. (SARAIVA 2017)

Iniciativas como o educativo da exposição e a exposição em si, no entanto, nos mostram caminhos para evitar essa perda, pois ao sensibilizar os alunos para o cordel abrimos o olhar destes a beleza dessa literatura. E como coloca Michele Petit, mediar uma leitura é abrir as portas para alguém para um outro mundo, ao apresentarmos o mundo dos cordéis aos alunos acendemos a chama nestes da importância dessa literatura.

Independentemente de ter sido um grupo de crianças com 10 anos ou de adolescentes com 15, observou-se que, mesmo se tratando de uma literatura não conhecida por muitos dos presentes, a experiência de conhecê-la foi única. A leitura conhecida por eles como “convencional” abriu portas para uma nova, uma leitura capaz de misturar voz com texto, sofrimento com alegria, que não precisa necessariamente estar presente em um livro caro, inacessível, mas que pode estar em um folheto.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Academia mineira de Letras pela oportunidade de trabalho à nós oferecida durante essa exposição, as fotos institucionais tiradas por Guto Cortes cedidas para a realização desse trabalho e em especial a equipe gestora e organizadora da exposição e ao grupo SVOA.

## REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Contexto: 2006.

COSSON, Rildo; PAIVA, Aparecida. **O PNBE, a literatura e o endereçamento escolar**. Remate, de Males, Campinas-SP, (34.2), p. 477-499, jul./dez. 2014.

LOTMAN, Yuri, (1978.) **Estética e Semiótica do Cinema**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

MAYER, Flávia Affonso (2016). **A importância das coisas que não existem**: a construção e referenciação de conceitos de cor por pessoas com cegueira congênita. Belo Horizonte.

MAYER, Flávia Affonso, (2012). **Imagem como símbolo acústico: a semiótica aplicada à prática da audiodescrição**. Belo Horizonte.

MAYER, Flavia; PINTO, Julio. (2013). **O deficiente visual e a interpretação de imagens**. Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista. [suporte eletrônico] Disponível em: Acesso em 14/06/2017.

PAULINO, Graça. **Formação de leitores**: a questão dos cânones literários. In: Revista Portuguesa de Educação, ano/vol. 17, número 001. Braga, Portugal: Universidade do Minho. 2004. (p. 47-62).



PEREIRA, Vera Wannmacher; GUARESI, Ronei (Org.), (2012). **Estudos sobre leitura: psicolinguística e interfaces.** Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/1492>>. Acesso em 14/06/2017

PETTI, Michele. **A arte de ler ou como resistir à adversidade.** Trad. de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETTI, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** Trad. de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008

REZENDE, Anita Menezes. **Os sentidos do cinema para as pessoas com deficiência visual: as relações do espectador com deficiência visual com o cinema, a partir da audiodescrição.** Belo Horizonte, 2017.

SARAIVA, Arnaldo. **Textos institucionais da exposição Folhetos de Cordéis Portugueses –** Coleção Arnaldo Saraiva, 2017, Belo Horizonte

SOARES, Magda B. **A escolarização da literatura infantil e juvenil.** In: Evangelista, Aracy; BRINA, Heliana; MACHADO, Maria Zélia (orgs). A escolarização da leitura literária. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

***Title***

Portuguese folhetos of cordel, an experience of accessibility through audiodescrição.

***Abstract***

The present paper refers to the work carried out by the educational team during the exhibition of "Folhetos de Cordel Portugueses - Arnaldo Saraiva Collection", held at Academia Mineira de Letras between November 7 and November 26, 2017. During the exhibition guided visits and workshops were conducted by the team for students of Belo Horizonte public and private schools, as well as visits from the general public and accessibility, however, in this paper we will focus on the visits related to accessibility. We will reflect on how these workshops promote literary literacy and the empowerment of visitors through the appreciation of the popular culture present in the cordeis. It will also raise the question of the performance of professionals from various areas as mediators of art and promoters of accessibility promoters, as well as educational wage initiatives beyond scholar discourse, also the role played by the cultural mediators in this paper. To do so, we will use Michelle Pettit's concepts regarding reading mediation, Rezende and Mayer in the scope of the audio description and accessibility, regarding the theme of the exhibition itself, the cordeis, we will use the texts of Arnaldo Saraiva himself, who besides being a collector is a relevant scholar of the subject and, carried out part of the training of the team.

***Keywords***

Exposition Folhetos de Cordéis Portugueses; Educative; Artistic Mediating; Cordel.

---

Recebido em: 05/03/2019.

Aceito em: 26/04/2019.